



RESENHA CRÍTICA DO LIVRO “LETRAMENTO LITERÁRIO: TEORIA E PRÁTICA” DO AUTOR

RILDO COSSON

Jandiassy Nazaré Braz da SILVA¹

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto 2012.

APRESENTAÇÃO DA OBRA

Publicado pela primeira vez em 2006 o livro *Letramento literário: teoria e prática*, de Rildo Cosson, oferece fundamentos teóricos e propostas práticas para o ensino da Literatura na educação básica. O foco é discutir a importância da literatura no processo de formação de leitores críticos. Para tal o autor dividiu o livro em três partes. Na primeira, os pressupostos, o autor faz uma reflexão acerca do valor e da função da literatura na sociedade, assim como sua relação com a educação. Na segunda parte, as práticas abordam estratégias necessárias para a efetivação do letramento literário e avaliação dentro dessa perspectiva. Na terceira parte, as reinvenções da roda, faz uma reflexão sobre o desafio de se trabalhar uma proposta didática que foge do padrão estabelecido e lança caminhos possíveis para o trabalho docente. É importante ressaltar que COSSON (2012) propõe uma abordagem que situa o professor como mediador entre o texto literário e o leitor, defendendo que o letramento literário deve ser ensinado e mediado por meio de práticas didáticas planejadas. Essa mediação, no entanto, está para além de uma proposta de uma proposta técnica se considerarmos que o ensino da

¹ Mestra em Letras (Linguagens e Letramento); Universidade Federal do Pará. E-mail: nazare.ribeiro46@gmail.com



literatura envolve formação humana, integral de quem ensina e de quem aprende. Nesse ponto está pautada a reflexão do autor sobre múltiplos corpos.

1. OS PRESSUPOSTOS

Gosto da ideia de que nosso corpo é a soma de vários outros corpos. Ao corpo físico, somam-se um corpo linguagem, um corpo sentimento, um corpo imaginário um corpo profissional e assim por diante. Somos mistura de todos esses corpos, e é essa natureza que nos faz humanos. (COSSON, 2012, p.25)

O autor afirma que nossa humanidade não se dá isoladamente. Ela é o resultado da integração de múltiplos corpos. Isso nos torna mais humanos, pois revela a pluralidade que habita em cada sujeito. Nesse contexto, o corpo linguagem destaca-se por ser o que carrega em si modos de vida, os sentidos do mundo e os discursos que nos atravessam. É por meio da linguagem que nos dizemos, narramos quem somos e nos inscrevemos no mundo. “[...] nosso corpo linguagem é feito de palavras com que o exercitamos, quanto mais eu uso a língua, maior é meu corpo linguagem e, por extensão, maior é o meu mundo. COSSON (2012)”

Em uma sociedade letrada a palavra escrita ocupa lugar central, mesmo diante da ampliação de repertórios comunicativos, ela continua sendo instrumento potente que extravasa os limites físicos do ser. “O corpo linguagem, o corpo palavra, o corpo escrito encontra na literatura seu mais perfeito exercício. COSSON (2012)”. Nesse sentido a literatura, é uma das expressões mais viscerais do corpo-linguagem. Ela não apenas constitui matéria verbal, mas também convoca o sujeito à experiência da informação e da visão crítica. É por meio do texto literário que são desveladas as arbitrariedades das verdades absolutas dos discursos hegemônicos, permitindo a eclosão de vozes antes silenciadas. “A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. (COSSON (2012))”

Na obra Cosson relata suas experiências em sala de aula em relação à literatura e educação e discute como a literatura é tratada dentro da escola. Os relatos do autor mostram que ainda há uma visão limitada sobre o papel da literatura no contexto escolar bem como certo desconhecimento acerca de seu papel transformador no desenvolvimento da leitura e da escrita. Ele chama atenção para os desafios enfrentados pela literatura na escola, diante da variedade de textos e da valorização das imagens na



cultura contemporânea.

A multiplicidade dos textos, a onipresença das imagens, a variedade das manifestações culturais, entre tantas outras características da sociedade contemporânea, são alguns dos argumentos que levam à recusa de um lugar à literatura na escola atual. (Cosson, 2012, p.20)

O autor sugere que esses desafios sejam enfrentados a partir do redirecionamento da formação docente e construção de práticas pedagógicas que articulem a leitura literária à diversidade cultural e linguística presentes na sociedade. De acordo com o autor os obstáculos são consequência de um processo de escolarização da literatura, no qual o texto literário é usado como “pretexto” para o ensino de regras linguísticas e conteúdos gramaticais sendo reduzido a um objeto de exercícios mecânicos e avaliações descontextualizadas, esvaziando-se de sua função estética, ética e crítica. Para romper com essa lógica, Cosson propõe o redirecionamento da formação docente e a construção de práticas pedagógicas que articulem a leitura literária à diversidade cultural e linguística presentes na sociedade.

Essa perspectiva ganha contornos específicos quando o autor analisa o ensino da literatura nas diferentes etapas da educação básica. No Ensino Fundamental, ele destaca a importância de introduzir o aluno no universo literário de forma lúdica, afetiva e significativa, promovendo o gosto pela leitura e o contato com diferentes gêneros e tradições culturais. Já no Ensino Médio, COSSON (2012) defende uma abordagem mais crítica e aprofundada, que amplie o repertório do aluno e desenvolva sua capacidade de interpretação, análise e posicionamento diante dos textos e das questões sociais que eles suscitam. Mas para que isso seja possível é importante cuidar da seleção dos textos para leitura literária.

O autor nos mostra alguns fatores que determinam a escolha dos textos literários usados em sala. Entre eles estão as exigências de programas escolares e exames, acesso limitado aos livros na Escola pública, a realidade das bibliotecas escolares no Brasil e práticas tradicionais do professor que geralmente indica para leitura um escritor cânone da literatura. A verdade é que o professor apenas seguia indicações independente de as escolhas desses cânones serem adequadas ou não, “[...] se havia questões a resolver com a adequação das escolhas, elas desapareciam diante da força da tradição. (COSSON, 2012, p.32).

Somente quando, nas universidades, os cânones literários passam a ser



questionados quanto à sua representatividade — por privilegiarem, em geral, apenas determinadas vozes e excluïrem outras expressões sociais — é que a seleção das obras literárias começa a trilhar novos caminhos. “Há aquela que ignora as discussões recentes e mantém o cânone incólume. (COSSON, 2012, p.33)”. Os professores que seguem essa direção acreditam que os cânones são atemporais e intocáveis. Essa escolha ignora a diversidade textual contemporânea e suas representatividades. “Outra direção se concentra na defesa da contemporaneidade dos textos como o critério mais adequado para a seleção da leitura escolar. (COSSON, 2012, p.33)” Essa direção considera a atualidade dos textos e sua proximidade com o cotidiano dos alunos, porém, se corre o risco dessa escolha está ligada à praticidade e empobrecer a leitura. “A mais popular das direções seguidas parece ser aquela que defende a pluralidade e a diversidade de autores, obras e gêneros na seleção de textos. (COSSON, 2012, p.33) Essa direção oferece o equilíbrio entre cânones e obras contemporâneas. Ela quebra o tradicionalismo hierárquico, abrindo espaço para novas influências. Nesse sentido, essa última proposta está alinhada a um letramento literário crítico que permite ao aluno entrar em contato com múltiplos olhares sobre o mundo.

Cosson apresenta relatos de seus alunos sobre os quais faz algumas reflexões. Em um desses relatos uma aluna questiona o porquê de alguns alunos não conseguirem interpretar o que leem apesar de possuírem todas as condições para fazê-lo — os alunos em questão têm pais leitores, manuseiam livros, são bem alimentados e conectados com o mundo — há, portanto, uma separação entre a decodificação de palavras e a construção de sentidos. Em outro relato os alunos vivem em situação oposta e o problema identificado não é interpretação, mas sim de decifração. Segundo Manguel (1996, apud COSSON, 2012), “a leitura não está restrita às letras impressas em uma página de papel.” Nesse sentido podemos entender a leitura como um ato histórico e social dentro de um determinado contexto.

COSSON (2012) reúne diferentes concepções de leitura a partir da concepção de Wilson J. Leffá, em *Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social* (1999). “O primeiro grupo está centrado no texto. Nesse caso, ler é um processo de extração do sentido que está no texto (COSSON, p.39). Nesse grupo a leitura é um processo de extração, a leitura é um processo técnico, no qual a ênfase recai sobre o domínio do código. “O segundo grupo toma o leitor como centro da leitura. (COSSON, p.39). A leitura é uma construção de sentido histórico e social. “O terceiro grupo é o das



teorias conciliatórias”. Há interação entre autor, leitor e texto. Apesar de o ato de ler ser individual torna-se nessa perspectiva um ato social.

COSSON (2012) sugere que pensemos esse processo como linear em três etapas:

- A) Antecipação: estratégia cognitiva fundamental que permite que o leitor mobilize seus conhecimentos prévios em relação ao gênero textual e formule sentidos antes mesmo da decodificação.
- B) Decifração: O leitor lê em voz alta, reconhece letras, junta as sílabas, forma palavras. Nessa etapa o leitor nem sempre compreende o que lê considerando que a interpretação ainda não está consolidada.
- C) Interpretação: O leitor aciona seu conhecimento de mundo, faz inferências, negocia sentidos.

Com a interpretação se fecha o primeiro ciclo da leitura. Essas etapas são norteadoras e basilares para o ensino do letramento literário.

2. AS PRÁTICAS

A partir de uma pesquisa de campo desenvolvida nas escolas da rede federal, estadual e municipal com professores de literatura, Cosson (2012) constata que o ensino da Literatura é fragmentado resumindo-se a leituras dramatizadas, debates, dramatizações de trechos das obras; sem uma sistematização que contribua com a formação crítica do leitor. O autor defende a sistematização do Ensino da leitura literária como um projeto didático que tenha como objetivo principal a formação do leitor consciente e crítico. Nesse contexto, o texto literário deixa de ser usado apenas para o ensino da gramática e passa a ser objeto de fruição estética, reflexão e produção de sentido. Ele propõe como estratégias sistematizadas uma sequência básica e a



sequência expandida.

A sequência básica é composta por quatro etapas que se articulam:

- **Motivação:** o objetivo é criar expectativa e engajamento, despertar o interesse dos alunos pela leitura.

Nesse caso é preciso lembrar que a motivação prepara o leitor para receber o texto, mas não silencia nem o texto nem o leitor. É preciso confiar mais em ambos, sobretudo quando tratamos da leitura literária. Naturalmente, a motivação exerce uma influência sobre as expectativas do leitor, mas não tem o poder de determinar sua leitura. (COSSON, 2012, p.56)

A motivação é fundamental. Ela além de criar expectativas proporcionará o encontro entre o leitor e o texto. Porém é importante que o professor confie na autonomia dos alunos. A motivação não antecipa as respostas, mas instiga as perguntas.

- **Introdução:** apresentação do autor e da obra

[...] a introdução não pode se estender muito, uma vez que sua função é apenas permitir que o aluno receba a obra de uma maneira positiva. Desse modo, a seleção criteriosa dos elementos que serão explorados, a ênfase em determinados aspectos dos paratextos e a necessidade de deixar que o aluno faça por si próprio, até com uma possível demanda da leitura, outras incursões na materialidade da obra, são as características de uma boa introdução. (COSSON, 2012, p.61)

O autor sugere uma mediação sutil, que apresenta o contexto da obra, mas não invade a leitura com interpretações prontas. Ao destacar os paratextos (capa, título, ilustrações, orelhas etc.), o professor estimula o aluno a interagir com a materialidade do livro e a construir suas próprias expectativas e hipóteses.

- **Leitura:** “Ao indicar o texto, é conveniente que o professor negocie com seus alunos o período necessário para que todos realizem a leitura [...] (COSSON, 2012, p.63)

É importante não impor a leitura, mas construí-la em conjunto com os alunos, respeitando os tempos individuais e coletivos de leitura. Esse tempo pode ser acordado com os alunos. Esse cuidado mostra que o letramento literário é uma experiência subjetiva e não mecânica.



- **Interpretação** O professor conduz o aluno a **construir sentido**, e não apenas responder a perguntas fechadas.

O professor deve ser o mediador e acima de tudo valorizar a voz do aluno. O objetivo não é traçar o certo e o errado, mas explorar os sentidos possíveis. Nesse sentido a interpretação torna-se um ato criativo e dialógico.

A exemplo da Sequência básica a sequência expandida também tem etapas como: motivação, introdução e leitura. A partir da leitura a sequência se expande. Essa expansão vai além do contato inicial com o texto e acontece quando o leitor é incentivado a contextualizar a obra lida com outras obras e seus diferentes contextos.

Dessa forma há, após, a leitura **da primeira interpretação**. O objetivo é que o leitor traduza sua impressão geral da obra. Nessa etapa é importante que o professor disponibilize tempo, a fim de que o aluno tenha liberdade para expressar seu pensamento acerca da obra escolhida. De acordo com COSSON (2012) o tempo disponibilizado para essa etapa sinaliza para o aluno a importância do momento de dizer. É importante também que o professor interfira minimamente na resposta do aluno. Dessa forma ele fomentará a autonomia e liberdade de expressão.

A próxima etapa é a contextualização que está subdividida em: contextualização teórica, contextualização histórica, contextualização estilística, contextualização poética, contextualização crítica, contextualização presentificadora, contextualização temática.

Na sequência proposta por Cosson, optou-se pela leitura da Obra *O Cortiço* de Aluísio Azevedo a qual servirá como exemplificação de cada uma das subdivisões.

Contextualização teórica: explicita as ideias que sustentam a obra. Em *O Cortiço* há a exploração das relações entre ciência e determinismo biológico. Conforme o autor a contextualização teórica pode ser feita de forma interdisciplinar com o auxílio do professor de Biologia.

Contextualização histórica: Leva em conta o contexto histórico de produção.

No caso de *O Cortiço*, o estudo da vida cotidiana do final do Império e das disputas que ali se travavam para construir o Brasil do século xx pode ser uma contextualização histórica de grande valor para aprofundar a leitura. (COSSON, 2012, p.87)

Contextualização estilística: geralmente está ligada a simples identificação de características pertinentes a determinado período literário. Considerando que uma obra



informa o período e não o período informa a obra devemos atentar para o fato de que uma obra poderá apresentar outras características relevantes que vão além do que é determinado pelos paradigmas que definem características desses períodos literários. É importante compreender, portanto, que nessa etapa busca-se compreender o texto literário a partir dos estilos de época sem reduzi-lo a mera classificação.

Em *O cortiço*, o naturalismo pode ser estudado a partir da obsessiva fidelidade ao real que conduz os escritores a manifestarem sua preferência pelo baixo, pelo degradado, pelo marginal, ao lado de uma forte preocupação com as teses das ciências ditas à época experimentais. (COSSON, 2012, p.87)

Contextualização poética: responde pela análise da estruturação e ou composição da obra.

Apesar de serem definidas separadamente a **contextualização crítica**, a **contextualização presentificadora** e a **contextualização temática**. Não são excludentes. São complementares. Visto que na obra *O Cortiço* podemos identificar temáticas que ainda estão presentes no nosso cotidiano. As questões sociais presentes podem ser trazidas e debatidas não apenas como uma representação do passado em uma obra de ficção, mas também como um texto que nos permite refletir sobre as desigualdades sociais. Nesse sentido o letramento literário torna

se mais amplo, crítico e engajado.

A **segunda interpretação** é uma fase importante para o aprofundamento do leitor com o texto.

[...] a segunda interpretação tem por objetivo a leitura aprofundada de um de seus aspectos. É, por assim dizer, uma viagem guiada ao mundo do texto, a exploração desse enfoque. Ela pode estar centrada sobre um personagem, um tema, um traço estilístico, uma correspondência com questões contemporâneas, questões históricas, outra leitura, e assim por diante, conforme a contextualização realizada. (COSSON, 2012, p.92)

O autor propõe algumas possibilidades para trabalhar essa etapa: interpretação coletiva ou em grupo e interpretação por meio de projetos individuais ou em grupo. Para COSSON (2012) não se trata de construir uma interpretação certa, mas construir sentidos e



fazer relações com o mundo e outras leituras.

Concluída a segunda interpretação, inicia-se o momento de **expansão** da leitura. A leitura centrada em uma obra é encerrada. O momento de expansão é o momento das relações textuais. Nessa etapa o leitor é convidado a perceber o texto literário como um campo de vozes múltiplas.

Cosson considera que os textos dialogam entre si⁶. A concepção dialógica acerca do texto literário amplia o papel da leitura e do leitor. Isso os insere em uma rede dinâmica de significados.

A avaliação

[...] a avaliação não pode ser um instrumento de imposição da interpretação do professor; antes deve ser um espaço de negociação de interpretações diferentes. São essas negociações que conduzem à ultrapassagem das impressões iniciais individuais e configuram o coletivo da comunidade de leitores. (COSSON, 2012, p.115)

O autor concebe uma avaliação formativa e processual e defende práticas que a valorizem.

Acompanhamento contínuo para que sejam considerados os avanços do aluno. Esses avanços podem ser registrados de formas diferentes como rodas de conversa, produções escritas. O diálogo e a mediação são estratégias importantes no processo de letramento literário, pois o aluno poderá expor suas ideias, o professor por sua vez deverá sempre valorizar o parecer de cada aluno leitor.

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. (COSSON, 2012, p.120)

3. AS REINVENÇÕES DA RODA

A metáfora da roda suscita inúmeros questionamentos: a reinvenção foi satisfatória? Atendeu a quem? Houve alguma mudança? Essas perguntas nos conduzem

⁶ A noção de diálogo entre textos, retomada por Cosson, remonta à teoria do dialogismo desenvolvida por Mikhail Bakhtin, especialmente em obras como *Os gêneros do discurso* e *Estética da criação verbal*.



a uma reflexão mais profunda sobre nossas próprias práticas pedagógicas. Nesse sentido, o principal questionamento que devemos fazer é: **Como estamos reinventando nossas rodas?** Tem sido profícuo para meus alunos? O que podemos (ou precisamos) mudar para que a leitura literária, de fato, contribua para sua formação crítica e sensível?

Todos esses questionamentos somente poderão ser respondidos por cada um de nós, conforme nosso contexto social, político, cultural, linguístico, porque antes mesmo de ensinar temos que aprender e Cosson através de sua obra nós convida a isso.

Na última parte de seu livro ele sugere oficinas que poderão enriquecer nossas aulas além das propostas descritas ao longo da obra.

“Para nós, o importante é que o professor perceba que essas atividades são possibilidades que só adquirem força educacional quando inseridas em um objetivo claro sobre o que ensinar e por que ensinar desta ou daquela maneira[...]. (COSSON, 2012, p.121)”

Como podemos observar por meio do excerto, não há imposição, mas é certo que se queremos alcançar resultados satisfatórios tanto para nós enquanto professores quanto para nossos alunos, precisamos repensar nossas práticas pedagógicas. É certo que nosso caminho docente possui muitos desafios pois apesar da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apontar para uma formação integral e cidadã, na prática muitos currículos escolares ainda se mostram desatualizados e reducionistas, priorizando avaliações quantitativas em detrimento de processos formativos. Isso dificulta a implementação de propostas metodológicas inovadoras. No entanto, é importante e necessário que não percamos de vista o papel transformador da literatura na escola.

A proposta apresentada por Rildo Cosson, centrada no letramento literário como prática social e formativa, aponta caminhos possíveis e desejáveis para uma educação mais significativa. Cabe aos professores, mesmo diante das limitações institucionais, resistirem e insistirem, para que, um dia, práticas como as defendidas pelo autor se tornem parte do cotidiano pedagógico e contribuam efetivamente para a formação de leitores críticos e cidadãos conscientes.